

## Poeira tênue da história – a crônica e seu lugar na imprensa

Profa. Ms. Marta Scherer<sup>1</sup> (UNISUL)

### Resumo:

*Esta comunicação aponta para o papel da crônica no jornalismo brasileiro na virada dos séculos XIX para o XX, através do olhar de um dos mais atuantes homens de imprensa do período: Olavo Bilac. O fazer jornalístico foi uma das principais inquietações de Bilac e assunto recorrente em seus escritos, o que os torna documentos relevantes para compreender as transformações ocorridas na imprensa brasileira em clima de Belle Époque. Entre tantas, criou-se um novo estilo, de conteúdo literário e formato jornalístico, que indubitavelmente fundiu-se, transportou-se: a crônica. O texto fixa-se na fronteira entre a ‘mercadoria’ e a ‘arte’ - entre o jornal e o livro - e se consolida como espaço híbrido por excelência, através do qual os literatos atingiam um público ávido por novidades, mas pouco afeito à leitura neste país em (trans)formação. A crônica como ‘poeira da história’ torna-se assim um elemento fundamental no entendimento de um modo de vida que, como texto, incorpora o tempo em sua estrutura e o dispersa.*

**Palavras-chave:** Crônica, Olavo Bilac, jornalismo, literatura

### Texto

Discorrer sobre o texto em crônica a partir de uma leitura de Olavo Bilac é uma proposta que, a princípio, pode causar certa estranheza. Afinal, aquele que foi idolatrado em vida e praticamente execrado na posteridade permaneceu no cânone literário como o “príncipe dos poetas” do final do século XIX. E ponto. Entretanto, como o professor Antônio Dimas vem provando, o autor da Via-Lactea foi também um cronista de peso, dono de uma dicotomia em sua produção intelectual, em quem identifica “... de um lado, o esteta, atento sempre à perfeição e à simetria harmoniosa das formas (...) e de outro, o jornalista empenhado em discutir, dentro de certas limitações e distorções pessoais e temporais, a realidade do país que vivia.” (DIMAS, 1983, p. 61).

Conhecido como o maior poeta parnasiano brasileiro, autor da letra do hino à bandeira e defensor de movimentos nacionalistas, Olavo Bilac escreveu, porém, durante 20 anos para a imprensa, seja em pequenos jornais, grandes folhas ou revistas, sempre mostrando um texto marcante e moderno. O poeta, que se considerava um ourives das palavras, mostra-se, também, ourives das notícias. Entre seus milhares de textos, por diversas vezes utilizou da metalinguagem para falar do seu ofício de jornalista, profissão que reivindicava como sua. A comentar sobre a escritura da crônica, reflete sobre a importância do gênero nas páginas das revistas e jornais da *Belle Époque* carioca, momento de grande produção da crônica nacional, um texto que se adequou de tal forma à demanda do período que “até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1992, p.15), como afirma Antonio Candido.

Desde sempre, a crônica resultou no formato ideal para o registro do calor da hora, dos fatos corriqueiros, driblando seu caráter efêmero e breve. Tornou-se a forma mais adequada para que se anotassem as impressões cotidianas da cidade, por inúmeras razões: liga o passado (linhagens medievais) e o presente (registro do já); não exige homogeneidade temática dos seus autores, justo pelo contrário; media a literatura e a reportagem; fixa-se na fronteira entre a “mercadoria” e a “arte”, entre o jornal e o livro.

Mais do que um gênero híbrido, como se costuma afirmar, a crônica, misto da literatura com o jornalismo, constitui-se mesmo como uma passagem entre ambos os territórios. Criou-se um novo

estilo, de conteúdo literário e formato jornalístico, que indubitavelmente funde-se, transporta-se. Representa, nas palavras de Ana Luiza Andrade, "uma forma moderna industrial, comparável à da fotografia, na passagem da literatura canônica para o jornal. O tempo de um movimento registrado numa página de jornal economiza-se, fragmenta-se, industrializa-se nas crônicas" (ANDRADE, 199, p.11). Por um lado incorporou características do jornalismo que se constituía como empresa-imprensa, por outro se configurou como um espaço onde opinião e nuances literárias eram bem-vindas.

O texto em crônica congrega em sua composição um pequeno fato ou detalhe do cotidiano, uma notícia, muita ironia e um pouco de poesia, representando um encontro do texto com a vida e com seu maior cúmplice, o leitor. Mantém um ar despreocupado, um tanto quanto blazé, de quem está falando de coisas sem maior consequência. Entretanto, penetra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, aprofundando a crítica social.

A crônica teve suas origens no folhetim francês do início do século XIX, quando ocupava o rodapé dos jornais e tinha como objetivo dar um pouco de entretenimento leve aos leitores, assim como oferecer romances em capítulos, costume importado pelo *Jornal do Comércio* em 1830. Sob o título de "Variedade", na seção eram publicados conteúdos diversos, matérias traduzidas, resenhas, histórias, poesias e até piadas. A data de 23 de maio de 1836 é considerada por Marlyse Meyer como um marco na nossa imprensa, já que nessa ocasião ocorreu o lançamento do periódico *O Chronista*, abrindo um espaço jornalístico para a criação livre e descompromissada, que na França recebia a denominação de *Feuilleton*. Era o embrião da crônica, gênero cuja data exata do nascimento deu o que pensar a um dos seus mestres, Machado de Assis:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda possibilidade de crer que é coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, mais natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. (ASSIS, In: CHALHOUB, , 2005, p.9).

O texto como gênero híbrido surgiu na segunda metade do século XIX, como aponta Davi Arigucci, tratando de temas vários e com ênfase na vida urbana moderna. Nos anos de 1854 e 1855 José de Alencar publicava textos em formato de crônica – que por essa época ainda se chamava folhetim – na seção “Ao correr da pena”, do *Correio Mercantil*. Alencar afirmava ser essa a arte de “dizer tudo não dizendo nada”, e se comparava a “uma espécie de colibri a esvoaçar em zigue-zague, e a sugar, como o mel das flores, a graça e o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais mezinho”. (ALENCAR apud MEYER, In: CANDIDO, 1992). Foi seguido no ofício por outros autores românticos como Joaquim Manuel de Macedo e França Jr. E, a partir de 1855, Machado de Assis contribuiu em diversos jornais e revistas com seu texto que unia o útil ao fútil, transformando-se em “um triste escriba de cousas miúdas”, um expoente na laboriosa tarefa de “catar o mínimo e o escondido”. E, ao comentar o folhetim e o folhetinista, discorreu sobre as características da crônica:

O folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consociado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogê-

neos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, á levandade, está tudo tão encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio. O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; solta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence, até mesmo a política. (ASSIS, In: COUTINHO, 1992, p.109)

Sucessor de Machado de Assis na *Gazeta de Notícias*, Olavo Bilac também deixou suas observações sobre o ofício. Para tanto, se apropriou da expressão alcunhada pelo escritor francês Jules Lemaitre, quando escreveu que *'la chronique...c'est de la poussière d'histoire*, em texto que comentou o livro *Bric-à-Brac*, de Valentim de Magalhães, que havia reunido em 300 páginas trechos para salvar do esquecimento o registro de suas impressões. Em crônica publicada posteriormente, Bilac ao cumprimentar os leitores paulistas, assim definiu o gênero:

Estes comentários leves, que duram menos ainda do que as estafadíssimas rosas de Malherbe, não deitam abaixo as instituições, não fundam na terra o império da justiça, não levantam nem abaixam o câmbio, não depravam nem regeneram os homens: escrevem-se, lêem-se, esquecem-se, tendo apenas servido para encher cinco minutos da monótona existência de todos os dias. Mas, quem sabe, talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa....(BILAC, in: DIMAS, 2006, p.227)

É também a “poeira” o título de um texto de Georges Bataille de 1929, no qual afirmou que “um dia ou outro, é verdade, a poeira, posto que ela persiste, começará provavelmente a ganhar das serventes, invadindo imensos escombros de construções abandonadas, docas desertas” (BATAILLE, 1929, p.278). Se pensarmos esta poeira como uma persistência, é possível ver nela, ou a partir dela, uma idéia do texto que se mantém no tempo. A crônica como poeira da história torna-se assim um elemento fundamental na construção de um texto que incorpora o tempo em sua estrutura e o dispersa.

Conforme a própria etimologia revela, a crônica (do grego *chronos*) faz parte da história do tempo vivido. Pela sua inerente ambigüidade, documenta para sempre, à parte, a transitoriedade do veículo, transformando o cronista numa espécie de historiador do cotidiano. Constituído da mesma matéria-prima de que fazem uso os cronistas e os historiadores – o tempo - o gênero deixa registrado instantes preciosos do passado, escritos quando eram fatos do presente. Precursora da historiografia, “a crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a história no texto”.(ARRIGUCCI, 1987, p52). Para além do prazer da leitura, é um texto que traz o “cotidiano monumentalizado”, nas palavras de Margarida de Souza Neves (In: RESENDE, 1995, p. 25), tornando-se uma fonte abundante para quem se interessa em conhecer a face mais corriqueira, e por isso mesmo mais humana, da história.

É essa matéria-prima diferente na superfície, ainda que similar na essência, um tempo cotidiano para os cronistas e um tempo global para os historiadores. As observações desse “historiador das coisas miúdas”, que por vezes são consideradas frívolas, pequenas e medíocres, por vezes indicam vestígios que podem desvendar momentos esquecidos. E, nas suas entrelinhas, apresentam fatos e dados que não constam na versão oficial da escrita histórica. Como aponta Neves, “a crônica e a história constroem memória; cronistas e historiadores são homens-memória”(RESENDE, 1995,

p.27). Foi para essa linha que Olavo Bilac apontou quando propôs que seus pares fossem obrigados a reler todos os textos ao final de cada ano para então:

resumi-las numa página sintética, escrevendo assim, para uso e edificação da posteridade, a história de cada período de doze meses; no fim de um decênio, as dez crônicas, resumidas anualmente, seriam ainda apertadas e espremidas em uma só crônica; ao cabo de um século, um historiador trituraria no almofariz da sua crítica os elementos das dez histórias decenais, e assim estariam escritos, sem grandes trabalhos, os fastos da civilização.(BILAC, 1916, p.200)

Ainda que não tenha surgido para durar, por ser “filha do jornal e da era da máquina” (CANDIDO, 1992, p.14), pode ser considerada como documento por expressar um tempo social, tecendo as novidades da sociedade que se movimenta. Entre as tantas inovações surgidas no mundo moderno de então, inscreveu-se a imprensa e nela o mais novo gênero literário difundido e aceito. Constituiu-se um texto que condensa na letra o tempo vivido, sendo construção e também interpretação do real. Nas palavras de Raúl Antelo, “volúvel e heterogênea, a crônica, enquanto gênero, não deveria ser vista como um repertório de invariantes formais ou temáticas, mas como um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas.”(ANTELO, In: CANDIDO, 1992, p.155). Esse campo encontrou terreno fértil nas páginas periódicas e transforma os acontecimentos diários na sua matéria-prima privilegiada, fazendo do imponderável do cotidiano material de trabalho e, “de repente, naquela linguagem volátil, se encontrava terra-a-terra com a poesia cotidiana” (ARRIGUCCI, 1985). É tarefa do texto em crônica desconstruir e aprofundar a notícia, a matéria prima jornalística, apontando para uma profunda visão das relações entre o fato e as pessoas, entre cada um de nós e o mundo em que vivemos.

É de fundamental importância também seu papel como renovadora da linguagem empolada que vigorava na imprensa e na literatura do século XIX, tornando-se uma escrita dos novos tempos, uma “coisa moderna no jornalismo e na literatura, pois participa de ambos”, como afirmou José Veríssimo. (VERÍSSIMO, 1979, p.127). Ao comentar e analisar os fatos sociais através de um texto cotidiano, operou “milagres” de significação, como explicou Antonio Candido, citando como exemplar o caso de Olavo Bilac:

A leitura de Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e na prosa de suas conferências e discursos. Mas que encolhem nas suas crônicas. É que nelas parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões freqüentes; nem o vocabulário 'opulento', como se dizia, para significar o que era variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto bem soantes. Num país como o Brasil, onde se costuma identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade. (CANDIDO, 1992, p.16)

Se no início oscilava entre ficção e realidade, em pouco tempo assentou seu lugar nos jornais e revistas, tendo como elemento preponderante a adesão aos acontecimentos diários. Na pauta, assuntos ligados ao processo de modernização vivido pelo país, do qual o jornal era um dos protagonistas. A principal diferença entre crônica e notícia é a presença forte do narrador, que comenta os assuntos. É assim que na crônica, ao contrário da matéria noticiosa, sua vizinha da coluna ao lado, a realidade chega ao leitor ainda mais transfigurada pelo olhar subjetivo do escritor, tornando-se um

texto essencialmente impressionista. A preocupação estilística com o texto também é marca que a faz diferenciar-se de outros gêneros, como o artigo e/ou reportagem.

São raros os cronistas que, pelo menos uma vez em todo seu exercício, não abordaram o seu fazer literário. Através da metalinguagem, Olavo Bilac comentou o ato de escrever, a obrigatoriedade de produzir um texto e a relação com a vida: a crônica deve refletir as diferentes facetas da sociedade, reinventando os momentos da “existência vulgar”. Mas, por vezes, como assinalou Bilac, a página em branco se torna um martírio daqueles que são obrigados a “escrever sempre cousas novas sobre semanas que se parecem irmãs gêmeas” (BILAC, In: DIMAS, 2006, p.295). Ao ter sua morada nas páginas periódicas, o texto tem a obrigação de ser produzido, publicado, lido e debatido.

Não há quem não tenha pena de Sísifo, quando lê a lenda desse infeliz, condenado a carregar até o alto de uma montanha do Inferno um pesado bloco de pedra, que sempre de lá se despencava para desespero eterno. Era um duro suplício, mas tenho para mim que muito mais duro seria se o bloco (sem alusão) em vez de ser de legítima pedra, fosse de papier-maché. Porque, enfim, há uma coisa mais penosa do que o trabalho penoso: é o trabalho fingido e inútil. Aqui estou eu, para exemplo... Além disso, meu tédio é hoje simplesmente um tédio... de cronista sem assunto(...) (BILAC, 1906)

Ao comparar seu ofício com o do personagem da mitologia grega, Olavo Bilac lembrava também da rotina e cansaço que permeiam a profissão de cronista. No mesmo texto, explicava que havia pensado em redigir a crônica em versos, pois esses “têm uma grande vantagem: quanto mais vadios de idéias, tanto melhores”, afirmando ainda que a mesma idéia que aparece bela e nobre em sonetos, fica “chata e incolor nos períodos sem harmonia”. Bilac prosseguiu no mesmo tom por muitas linhas, ironizando com a possibilidade de se escrever odes, pastorais ou sonetos sobre temas como política ou economia. Assim, concluiu que “é em prosa que querem as crônicas – cheias como as do mestre João de Barro, ou vazias como esta. E como já cheguei ao fim nesta tira de papel, a mais não sou obrigado”.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ANDRADE, Ana Luiza Britto Cezar de. Transportes pelo olhar de Machado de Assis: "passagens entre o livro e o jornal". Chapecó: Grifos, 1999.
- [2] ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- [3] BATAILLE, Georges. “Poussière” in Documents n°5, 1929, p.278. Tradução de SCHEIBE, Fernando.
- [4] BILAC, Olavo. Ironia e Piedade. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.
- [5] \_\_\_\_\_. Chronica. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 09/12/1906
- [6] \_\_\_\_\_. Livros Novos. A Bruxa. Rio de Janeiro, 24/04/ 1896
- [7] CANDIDO, Antonio (et al). A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992
- [8] CHALHOUB, Sidney (et al). História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005.

- [9] COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. VII. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955.
- [10] DIMAS, Antônio. Bilac, o Jornalista: ensaios. São Paulo: Imesp. 2006.
- [11] \_\_\_\_\_ Tempos Eufóricos – análise da revista Kosmos 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983
- [12] MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história. São Paulo: companhia das Letras, 1996.
- [13] RESENDE, Beatriz (org). Cronistas do Rio. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.
- [14] VERÌSSIMO, José. Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª série. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.

---

**Autor(es)**

<sup>1</sup> **Marta SCHERER, Profa. Ms**  
Universidade de Sul do Santa Catarina (Unisul)  
martascherer@gmail.com